

# O Comunista

SEMANARIO - Órgão do Partido Comunista Português

Propriedade do Grupo Editor O COMUNISTA



EDITOR - José Rodrigues  
Redacção e Administração  
R. do Arco do Marquês do Algrê, 30, 2.º D. - LISBOA

REDACÇÃO PRINCIPAL  
MANUEL RIBEIRO  
Secretário da Redacção - Orestes de Sousa

ADMINISTRADOR - Nascimento Cunha  
Campaña e Impressão  
Emp.ª Portuguesa de Publicidade - T. de Bos Hora, 43 - LISB.

## Contra a reacção

Os corpos directivos do Partido Comunista Português, tendo tomado conhecimento, na sua reunião ordinária quarta-feira, de que um movimento conservador se prepara com o concurso da Confederação Patronal e de todas as outras forças capitalistas e reacçãoárias, para, assumindo por um acto violento as rédeas do poder, esmagar todas as conquistas do proletariado, e inaugurar uma era de terror branco, — denunciam a todos os elementos avançados e novo gesto da reacção, e, apelando para todos os revolucionários, sem distinção de escolas filosóficas, incita-os a constituírem uma frente única para garantirem as liberdades políticas e económicas — estando por sua vez este Partido firme desígnio de isoladamente, ou em leal acôrdo com outras forças socialmente organizadas, de opor-se pelos meios que forem necessários à perpetuação do negro crime que a reacção projecta.

### OS CORPOS DIRECTIVOS DO PARTIDO COMUNISTA

### Do idealismo á acção ou da teoria á prática

Tempos houve, em que os socialistas-anarquistas, na sua cruzada sacrosanta, altamente emancipadora, davam de preferença á sua propaganda uma feição meramente especulativa, mesianica. O seu apostolado, tão altruísta como desinteressado, que levava os espiritos mais fortes e dedicados á prática dos maiores sacrificios e abnegações, tornando-os num verdadeiro mártires da causa, tendia muito especialmente, ao aperfeiçoamento intelectual e moral das classes trabalhadoras.

Era uma propaganda doutrinária, subtilmente regeneradora, moralizadora... Era assim, pela educação e regeneração das massas, que os revolucionários teóricos pretendiam libertar, de todos os seus erros e despolitismos, a humanidade oprimida e escravizada.

Esta propaganda, porém, apesar de pacífica e inofensiva, não deixava contudo de perturbar a disposição dos senhores da terra, incomodava portanto os tiranos que, desde logo, puzeram em prática, contra os propagandistas do novo Evangelho, toda a casta de perseguições e violências. Como revanche, os perseguidos, responderam com a acção pelo facto, iniciando e então um período de terror violentíssimo, em que os mais audaciosos e valentes vingaram algumas das perseguições sofridas, pagando depois com a vida os seus justos custos.

Entretanto, a grande maioria dos trabalhadores, conservava-se alheia a esta gigantesca luta entre os partidários da sociedade nova, igualitária e livre, e os defensores da sociedade velha, opressora e desigual... E, se algumas vezes se manifestava — oh ingratitude das ingratitudes — era contra os mártires que lutavam lutado e morrido

em holocausto a sua liberdade, á sua emancipação.

Todavia, a propaganda continuava a ser feita cada vez com mais fé e energia. Nem as perseguições dos verdugos da humanidade, nem o indiferentismo das massas arrefeciam o entusiasmo, a febre, de proelitismo dos mensageiros da nova aurora, que brevemente reclinará os oprimidos...

Porém, as massas continuavam insensíveis á propaganda, aos esforços feitos por essa pequena minoria que, heroica e decididamente, continuava lutando e morrendo em prol da sua causa.

Urgia, pois, fazer algo de mais pratico e eficaz do que até ali se tinha feito, para que os trabalhadores despertassem do indiferentismo criminoso em que se encontravam mergulhados.

Os grupos de afinidades de produtores para a propaganda doutrinária e económica, e os grupos de acção para serem violentamente em caso de repressão, não eram suficientes para despertar os trabalhadores da letargia em que jaziam, nem para soterrar um pouco a exploração capitalista e os atropelos dos governantes.

As associações de classe, encontravam-se então nas mãos dos socialistas-reformistas preocupados apenas com as lutas legalitárias e reformistas, relegando para um plano secundário as lutas de classe de caracter económico e revolucionário.

Esta tática e acção reformista e legalitárias das associações de classe de então não se coadunava com o temperamento e educação revolucionária dos socialistas-anarquistas que, mercê deste facto, não se filiavam nos seus sindicatos — ficando assim impossibilitados de estarem em contacto com a grande massa dos trabalhadores.

Continuava, portanto, manifes-

tar-se a indiferença, senão a hostilidade da grande maioria dos trabalhadores para com as doutrinas subversivas dos propagandistas libertários que, não obstante, continuaram a sua propaganda.

Surge então o chamado sindicalismo revolucionário, autonomo, extra-partidário e a parlamentar que a maioria dos socialistas-anarquistas, transgredindo com os seus métodos de luta e de organização, aceita — entrando para os seus sindicatos profissionais onde fizeram o seu melhor campo de acção, propagando o novo método, a nova tática — sem se preocuparem com as teorias e as láticas dos outros e sindicados — com o mesmo ardor e entusiasmo com que tinham propagado até ali as ideias libertárias.

Os sindicatos, impregnados destas teorias, começam então a lutar um pouco mais revolucionariamente dando maior incremento á luta de classes, em que alguns socialistas-anarquistas mais audaciosos e energicos tomam uma parte brilhantemente activa, conquistando, consequentemente, algumas regalias de caracter económico e moral para o proletariado.

Mas, apesar dessas regalias, o proletariado continuava sendo infamemente explorado e espoliado pela burguesia, que também se preparava e organizava habilmente para a defeza e para o ataque.

Pensou-se então na greve geral revolucionária, expropriadora, que levasse o proletariado a expropriar a burguesia, apossando-se das terras, das minas, das fabricas e oficinas, e dos meios de transporte, etc., etc., libertando-se assim do jugo capitalista... Mas essas tentativas se tem feito com esse fim e todas tem desastrosa e vergonhosamente falhado.

A grande massa dos trabalhadores, por inconsciencia ou cobardia, ou ainda pela pouca convergência intelectual e revolucionária da maioria dos militantes, que não tem sabido ou querido preparar a convenientemente para esse fim, que adviriam desse acto — a grande massa dos trabalhadores, diziamos nós, não tem correspondido aos poucos apelos que nesse sentido lhe tem sido dirigidos.

E a greve geral revolucionária, ou mesmo pacífica, tornou-se quasi nua utopia irrealisavel... Um sonho e nada mais.

Veio depois a guerra europeia

que, com a mais pavorosa crise económica que provocou, parecia preparar o ambiente de forma a que a greve geral revolucionária de utopia irrealisavel o seu objectivo — a expropriação completa da burguesia.

Tal não sucedeu, porém... Porque, se é certo que por um acto despertou uma parte dos trabalhadores para a luta económica e social, não é menos certo também que, por outro lado, despertou um feroz egoismo na maioria do proletariado que se tem preocupado apenas com movimentos pró-aumento de salario, esquecendo-se integralmente da greve geral revolucionária, coitada, que estava destinada a liberta-lo da tutela burguesa.

E a greve geral revolucionária, suprema arma do sindicalismo revolucionário, mais uma vez fallhou, ficando definitivamente considerada como utopia irrealisavel... Um sonho generoso, patético, legado á posteridade para que os vindouros saibam que no seculo XX houve parvos bem intencionados que ingenuamente chegaram a convencer-se da possibilidade duma greve geral revolucionária, levada á pratica pelos sindicatos profissionais, que os havia de emancipar para sempre da exploração burguesa-capitalista.

Pobres parvos!... Parvos como nós, que também sincera e ingenuamente nos ludimos e lindimos os outros, convictamente convencidos que era possivel a realização dum movimento desta natureza.

Hoje, porém, não temos ilusões nenhuma a tal respeito. Não acreditamos na possibilidade duma greve geral revolucionária, expropriadora, como titulo da Revolução Social na região portuguesa...

Acreditamos, sim, mas é na viabilidade dum movimento revolucionário que, abrangendo todo o paiz e abalando todas as velhas e carcomidas instituições burguesas, desaposse a burguesia do poder, que o proletariado tomará exercendo-o por intermedio dos seus organismos políticos, economicos e revolucionarios até completo desapparecimento do regimen capitalista e estabelecimento da sociedade comunista.

Ora, é para um movimento destes que todos nós, os amantes e defensores da liberdade, temos que nos preparar... se não quizermos que o Paiz vá cair nas

mãos da reacção clerical e militarista.

E certamente não haverá nenhum individuo que consciencie e sinceramente seja anarquista, comunista, sindicalista ou socialista, e seja revolucionário a valer, que recuse a dar o seu concurso a este grandioso e libertador movimento — aliás não fará senão o logro reacção, da burguesia perpeleu do a escravização do proletariado que, apesar de tantas doutrinas, teorias prégadas ainda não conseguiu libertar-se da tirania capitalista.

Mas é preciso que se libertem Para o conseguirmos, é mister que nos organizemos convenientemente, revolucionariamente.

A reacção, constituída pelos reacçãoarios e conservadores todas as "nuances" e malizadamente aproveitadamente, muito mais, os excessos e desvariados praticados no ultimo movimento explorando, especulando ignobreménte com a indignação e repul que os barbaros assassinos pr vocaram na alma sentimental encolha do Povo, prepara-se para dar o salto de tigre.

E nós, os avançados e todos radicais verdadeiramente amigos da liberdade, temos que nos preparar, fortemente, para não só impedir o assalto da reacção, mas também, aproveitando o ensejarmos o golpe definitivo nes sociedade jesuitica e parasitaria, instaurarmos uma sociedade de trabalho fecundante e regenerado onde possamos gosar mais um pouco de liberdade e bem estar.

Uma sociedade tanto quanto possível comunista, tanto quanto possível libertária.

Entrando, assim, no campo de realizações, concretizando os nossos ideais, — passando do idealismo á acção ou da teoria á pratica

Antonio Pedro

### Os mártires de Chicago

Passou ante-ontem, 11 de novembro, o aniversário da execução dos camaradas anarquistas em Chicago em 1886 o que foi a origem dum grande movimento iniciado pelas classes trabalhadoras para a sua libertação.

Evocamos sentidamente aqua data e associamo-nos á sua commoção feita pelos avançados de todo o mundo.